

Os “bem-sucedidos”: bolsistas formados da PUC-Rio

... mas uma coisa que é importante na PUC-Rio, especificamente, é esse sistema que a gente tem aqui: da rede. Seria, a meu ver, o modelo ideal. O mais próximo do que seria o ideal, em relação ao que tem sido desenvolvido pelas universidades públicas. Em relação a questão das cotas. Por que eu digo isso? Porque aqui na PUC-Rio a gente (...) além do fato de ter ensino de qualidade (...) a perspectiva de buscar um auxílio para alimentação, passagem (...) a questão da xerox (...) ticket do bandejão (...) o cara não fica abandonado. E isso é muito importante, por causa do efeito multiplicador que pode ter e da visibilidade que pode dar a essa experiência, que parece ser bem-sucedida.

Ex-estudante da PUC-Rio. Bacharel em Direito (2002).
Gávea, 05/10/2006.

Este capítulo tem como objetivo principal colocar o leitor em contato com a metodologia utilizada para a seleção dos estudantes a serem entrevistados na população total de bolsistas da PUC-Rio. Os critérios aqui descritos e discutidos, que foram adotados para realizar a seleção desta amostra, buscam responder diretamente ao argumento da falta de qualidade acadêmica e/ou profissional *a priori*, que sistematicamente é associada aos beneficiários das ações afirmativas, sejam elas: a bolsa de ação social da PUC-Rio, o sistema de cotas das universidades públicas ou o ProUni.

Iniciei minhas pesquisas sobre os bolsistas egressos da PUC-Rio no âmbito da própria universidade, a partir da documentação institucional existente sobre os mesmos. Meu objetivo nesta fase da pesquisa era o de identificar o universo da população a ser estudada, para conhecer suas características gerais e estabelecer os critérios para a seleção de **uma amostra não-aleatória**, que fosse representativa deste universo e significativa para os interesses do trabalho. Meu objetivo central era selecionar um grupo de estudantes bolsistas cuja vidas acadêmicas estivessem “acima da média” nos seus respectivos Departamentos.

Em função dos interesses da pesquisa, a análise inicial do universo da população estudada se preocupou em descrever quantitativamente os seguintes aspectos: (1) distribuição dos bolsistas por rendimento acadêmico; (2) por local de origem; (3) por gênero, e (4) pelos cursos da PUC-Rio.

Os critérios de cruzamentos de dados foram assim pensados por entender que uma leitura quantitativa inicial desta população permitiria visualizar o alcance e os limites das ações afirmativas desenvolvidas pela PUC-Rio, não só por abranger o conjunto da instituição, mas também por abarcar o conjunto das comunidades das quais estes estudantes são provenientes. Além disso, este tipo de exercício de análise me permitiu perceber que a presença desta população vem transformando a universidade, estrutural e academicamente.

Antes de qualquer outra consideração, é importante lembrar que não foi efetuada conjectura e pesquisa sobre a questão “raça” ou “cor” no âmbito da universidade na primeira parte do trabalho, em virtude desta não possuir documentos referentes a estes itens sobre os seus estudantes não bolsistas de ação social e, principalmente sobre os que são bolsistas, posto que entre os critérios utilizados para a “ação afirmativa” da PUC-Rio não está presente o corte racial e sim, o critério da pobreza. Por sua vez, no que diz respeito a análise qualitativa, realizada em um segundo momento da pesquisa com a entrevistas, utilizei preferencialmente o corte racial, adotando o critério da auto-identificação dos indivíduos da amostra selecionada.

Aqui é pertinente acrescentar que a entrada de estudantes negros, na maioria pobres, ao campus da PUC-Rio, começou a transformar a ecologia da universidade, não só no âmbito acadêmico propriamente dito mas também, e principalmente, no âmbito das relações sociais —e raciais— da universidade. O impacto dessa transformação pôde ser percebido imediatamente nas relações visíveis e invisíveis, como as entrevistas irão deixar claro mais adiante. Academicamente falando, um dos mais significativos acontecimentos relacionados a questão racial na PUC-Rio, além da entrada destes novos estudantes, e como consequência direta disto, foi a fundação e consolidação do Núcleo Interdisciplinar de Reflexão e Memória Afrodescendente.

O NIREMA, cuja fundação tive a oportunidade de acompanhar, assim como de participar do seu primeiro grande projeto —a aquisição em cópia digital da coleção documental do Senador Abdias Nascimento— foi criado em 2003, com o objetivo de congregar pesquisas sobre a questão racial de três Departamentos da PUC-Rio: História, Serviço Social e Sociologia e Política. Este esforço interdisciplinar nasceu

por iniciativa da Vice-reitoria Acadêmica, e foi acolhido pelo Decanato de Ciências Sociais, partindo da realidade da própria universidade, que hoje conta com um número significativo de alunos negros como resultado da política de “ação afirmativa” implementada pela PUC-Rio desde 1993.

Reconhecer a importância do NIREMA no contexto das relações raciais da PUC-Rio, e seu sentido de futuro, é compreender também o percurso pelo qual a universidade passou e vem passando. Pensar as práticas atuais da PUC-Rio no que se refere à questão racial, das quais o NIREMA é peça central, é também reconhecer a sua influência positiva na vida dos estudantes negros que por ela transitam, mesmo passando por duros momentos de estranhamento e sentindo-se estigmatizados em um mundo totalmente diferente das suas realidades de origem. No contexto das transformações que a própria instituição foi experimentando, o NIREMA vem se afirmando como um espaço novo a ser explorado enquanto uma “conquista” do próprio movimento, no processo de “afrocidadanização” e construção de uma identidade racial. A esse respeito, já é possível sentir uma mudança de percepção por parte de alguns destes estudantes:

Por conta desse recorte racial, você tem o NIREMA lá, que fez uma diferença naquele espaço. Acho que aquele espaço é um espaço formador de opinião (...) eu estava falando anteriormente (...) eu tive um estranhamento absurdo. Primeira semana de PUC-Rio eu não queria mais voltar para lá, porque eu não me conseguia ver conversando com aquelas pessoas. Como é que eu ia estudar num lugar onde a realidade das pessoas é completamente diferente da minha realidade? (...) Você se sente mal em alguns momentos, com alguns comentários e questões que são levantadas dentro daquele ambiente (...) de alguma forma é importante fazer com que aquela universidade comece a pensar um pouco sobre a questão racial e de estar pensando nos alunos que passam por aquela universidade. Era uma preocupação do professor Augusto [Vice-reitor para Assuntos Comunitários]. Eu lembro o tempo em que a gente estava lá, fazendo a semana da consciência negra, de se montar um núcleo que discutisse isso e que a gente levasse coisas para dentro da universidade, que não fosse só a capoeira, o samba (...) mas que trouxesse uma contribuição maior para mudar algumas mentalidades... (Entrevistada 9. Formada em Letras no ano de 1998, entrevista em 31/05/2006).

No segundo momento da pesquisa, agora de caráter qualitativo, meu trabalho se concentrou na pesquisa de campo, através da qual procurei localizar os egressos selecionados, em uma amostra inicialmente imaginada de dez por cento do universo (cerca de 40 pessoas). Para estes, planejei entrevistas que procuravam conhecer suas

histórias de vida, as condições sociais em que se encontravam, as suas interações sociais —familiares e comunitárias— e suas próprias percepções das suas trajetórias, a partir da formação na universidade.

Nesta etapa da pesquisa privilegiei como principais eixos temáticos as percepções dos entrevistados quanto a: (1) “racismo”, preconceito ou discriminação na esfera do trabalho; (2) transformação da vida material após a graduação na PUC; (3) mobilidade social no âmbito familiar; (4) reconhecimento, ou rejeição, nas relações com a comunidade; (5) participação na comunidade, e (6) identidade racial.

4.1

A população estudada: documentos e escolhas da pesquisa

A primeira peça documental que utilizei —a mais importante do ponto de vista quantitativo— é proveniente da Vice-reitoria para Assuntos Comunitários da PUC-Rio e se constitui de uma listagem intitulada “Perfil dos alunos bolsistas de ação social formados, com ano de ingresso até 1999”.

Esta lista contém os seguintes dados: (1) nome do aluno; (2) número de matrícula —do qual se pode inferir o ano do seu ingresso; (3) curso; (4) Coeficiente de Rendimento Acumulado —o principal indicativo da qualidade da vida acadêmica do estudante; (5) data de nascimento; (6) bairro; (7) cidade; (8) naturalidade; (9) sexo; (10) nome do pai, e (11) nome da mãe. Nela podem ser encontrados 382 alunos bolsistas de ação social, estudantes regulares de 18 cursos da universidade e que ingressaram na PUC-Rio no período compreendido entre os anos de 1992 a 1999. Como se verá mais adiante, para efeitos deste estudo, trabalhei efetivamente com um subconjunto desta população, composto por 347 estudantes bolsistas de ação social. A redução de 35 estudantes do universo total dos bolsistas formados se justifica primeiramente em função de que utilizei o ano de 1994 como marco inicial da temporalidade da pesquisa. Por este critério, foram desconsiderados 18 estudantes. Além disso, foram igualmente desconsiderados 17 estudantes que, embora apareçam na listagem, tiveram CRAs inferiores a cinco.

A temporalidade desta pesquisa está balizada pelos anos de 1994 e 1999. O ano de 1994 se justifica como referência inicial de tempo, na medida em que foi a partir

dele que se implementou o convênio estabelecido entre a PUC-Rio e os pré-vestibulares comunitários e populares em rede, objeto deste estudo. Desta maneira, como se verá mais adiante, os estudantes selecionados para compor a amostra imaginada de dez por cento do universo da população de bolsistas, por terem entrado na PUC-Rio entre aqueles anos, haveriam se formado entre os anos de 1998 e 2004. Estaríamos falando, assim, de profissionais capacitados para entrar no mercado de trabalho nos últimos sete anos. Por outro lado, o ano de 1999 foi escolhido como marco final desta temporalidade, posto que os estudantes que ingressaram na universidade depois de 1999 apenas estariam começando a entrar no mercado de trabalho a partir de 2004, ou seja, menos de três anos até o fechamento desta pesquisa, um tempo demasiadamente curto para se fazer qualquer conjectura sobre oportunidades de ingresso e ascensão na esfera do trabalho.

O segundo conjunto de documentos institucionais, que utilizei na fase inicial da pesquisa, provém da Vice-reitoria Acadêmica. Ali obtive estatísticas mais gerais sobre os alunos da PUC-Rio que me permitiram situar, com maior precisão, os estudantes bolsistas no contexto demográfico e acadêmico da universidade. Estes documentos são: “Relação do número de alunos matriculados nos Centros, Departamentos e Unidades, no período de 1995.1 a 2005.1”; “Relação do número de alunos matriculados nos cursos e habilitações, correspondente ao período de 1995.1 a 2004.2”; “Relação com o CR-médio por curso e por ano de todos os alunos, no período de 1995.1 a 2003.2”; “Relação com os alunos matriculados e seu CR-médio, no período de 1992.1 a 2003.2”; “Relação com o número de ingressantes, por curso e por ano, no período de 1992.1 a 2003.2”, e “Relação com o CR-acumulado por curso dos alunos formados no período de 1992 a 2003”.

Cabe comentar que a atitude de franca colaboração dos profissionais das Vice-reitorias Comunitária e Acadêmica, quando solicitados a contribuir informação de acesso restrito, para além da cortesia e espírito de cooperação dos indivíduos envolvidos, constitui uma inconstentável evidência do interesse que a PUC-Rio tem por compreender o impacto social dos seus programas de ações afirmativas. À respeito da importância e dos conteúdos destas para a instituição, o Marco Referencial da universidade é claro:

Em todas as suas atividades, a PUC-Rio, pressupondo que a obtenção de conhecimentos e sua transmissão justificam-se como fins em si mesmos, valorizados pelo compromisso com a verdade, essencial para o bem das pessoas, almeja: a) Encarnar a opção pela pessoa humana que a caracteriza desde a sua origem, e que hoje implica o compromisso de colaborar na construção de uma sociedade baseada no respeito e na promoção de todos, de modo especial dos mais pobres e marginalizados (Marco Referencial, PUC-Rio, parágrafo 5).

4.2

A seleção dos entrevistados: projetos e processos

Utilizando os documentos acima mencionados, organizei uma grande tabela de referência inicial construída por curso, que me permitiu visualizar a situação acadêmica dos bolsistas formados, ao longo dos anos em questão, em relação ao corpo discente dos Departamentos da PUC-Rio nos quais eles estão representados (Ver **Tabela I – Distribuição dos bolsistas por curso e por ano de ingresso** em “Anexos”, p. 231). É importante lembrar que os bolsistas estudados neste trabalho são os “formados” com CRs comparáveis com o CRs médios dos seus respectivos cursos, ou seja, os “bem-sucedidos” 347 bolsistas de ação social da PUC-Rio, com ingresso entre 1994 e 1999.

Um dos primeiros e mais relevantes achados da pesquisa é o fato de que a população estudada está distribuída em 17 dos 33 cursos regulares¹ da PUC-Rio (51.5%). Cabe ressaltar, no entanto, que embora eles estejam presentes nos três Centros da universidade —CCS (287 indivíduos), CTCH (29) e CTC (31)— há uma forte concentração (82,71%) da sua presença no Centro de Ciências Sociais e, em particular, no curso de Serviço Social (34%) (Ver **Tabela II – Resumo da distribuição dos bolsistas por cursos da PUC-Rio** em “Anexos”, p. 233).

Este ponto é de extrema importância por dois aspectos: de um lado, isto pode constituir um fator complicador na passagem do programa de bolsas de ação social da PUC-Rio para o ProUni, na medida em que este último prescreve uma distribuição equitativa dos estudantes bolsistas de ações afirmativas em todas as áreas da universidade. Vale lembrar, no entanto, que a distribuição dos bolsistas pelos cursos

¹ **Manual do Aluno de Graduação da PUC-Rio**, 2006.
http://www.puc-rio.br/ensinopesq/ccg/docs/manual_2006.pdf

da PUC-Rio não é feita pelo critério de cotas, estando os futuros bolsistas submetidos aos critérios estabelecidos pelo concurso vestibular para todos os candidatos. Desta maneira, os cursos mais procurados, ou seja, aqueles que têm uma relação candidato/vaga maior, tendem a ter menos estudantes bolsistas nos seus corpos discentes, posto que, de uma forma geral, o ingresso nestes exige notas mais altas no concurso vestibular (Ver **Tabela III – Distribuição dos bolsistas por ordem decrescente da relação candidato/vaga por curso** em “Anexos”, p. 234).

Por outro lado, a atual realidade da distribuição dos bolsistas pelos cursos da PUC-Rio é também muito relevante para a discussão sobre o acesso às carreiras mais prestigiosas para a sociedade, um tema que certamente diz respeito a qualquer reflexão sobre as conquistas dos indivíduos da população negra na esfera da educação superior. Aqui vale lembrar que algumas das carreiras mais valorizadas socialmente são do CCS, tais como: Comunicação Social, Direito, Relações Internacionais e Economia e Administração. Atualmente na PUC-Rio, apenas um quarto dos bolsistas estão distribuídos pelos cursos de maior relação candidato/vaga, o que poderia grosseiramente ser associado às carreiras de maior prestígio social, contra três quartos de bolsistas acomodados nos cursos onde esta relação é inferior a três candidatos por vaga (Ver **Tabela III** em “Anexos”, p. 234). Além disso, é igualmente importante lembrar que estamos falando de apenas a metade dos cursos regulares oferecidos pela Universidade, ou seja, ainda há muito a conquistar.

Posto que a minha preocupação é com as “ações afirmativas” para a população negra, meu projeto inicial era selecionar no conjunto de bolsistas formados apenas os beneficiários dos convênios da universidade com os pré-vestibulares comunitários e populares em rede e, particularmente, os estudantes da população negra. No processo de pesquisa percebi que os documentos institucionais não me permitiriam tal escolha, pois os dados disponíveis estão agregados sob a categoria “bolsas de ação social”, cujo escopo é bastante mais amplo. Para lidar com este importante limite da documentação, no que se refere aos interesses da minha pesquisa, utilizei a referência de município de origem dos bolsistas para me aproximar da questão racial.

O raciocínio que adotei se baseia no fato de que a PUC-Rio, ao focar a pobreza para a concessão das bolsas de ação social, particularmente nas regiões da

Baixada Fluminense (34% dos bolsistas) e Zonas Norte e Oeste da cidade do Rio de Janeiro (total de 38,32%) (Ver **Tabela V – Distribuição dos bolsistas por regiões urbanas de origem e por cursos** em “Anexo”, p. 236), concretamente privilegiou áreas urbanas cuja maioria da população é também negra (56,79% e 40,23% de população negra na Baixada Fluminense e o município do Rio de Janeiro, respectivamente). O caso do município do Rio de Janeiro merece ser comentado, pois a proporção racial de pouco mais de 40% para a população negra se refere a toda a cidade, uma porcentagem que mascara as desiguais distribuições raciais no espaço urbano, onde as Zonas Norte e Oeste da cidade concentram os indivíduos da população negra ou de origem nordestina, que muitas vezes se confundem nos Censos do IBGE. Ainda quando se fala de bolsistas da Zona Sul (18,15%), os dados se referem principalmente a áreas de favela localizadas nestes bairros, onde as proporções raciais estão igualmente “diluídas” na proporção geral da cidade. A relação entre pobreza, “raça” e região urbana de origem será mais trabalhada na seção “O *locus* de origem”.

Este trabalho me permitiu realizar um exercício de estimativa da presença de estudantes negros no interior da população de bolsistas da PUC-Rio, embora não se possa determinar com precisão as proporções raciais reais. Este esforço foi realizado, como se verá mais adiante, a partir do cruzamento das informações sobre os municípios de origem dos bolsistas com as proporções raciais informadas pelo IBGE (Censo 2000) para cada um deles (Ver **Tabela VII – Distribuição racial estimada dos bolsistas da PUC-Rio por municípios de origem** em “Anexos”, p. 237). A partir deste exercício foi possível inferir que aproximadamente 46% dos bolsistas de ação social da PUC-Rio seriam membros da população negra. Guardadas todas as proporções desta estimativa, é possível assumir que pelo menos a metade dos bolsistas não sejam negros, um dado que poderia se mostrar muito relevante no momento da realização das entrevistas, posto que nelas a questão racial é central.

Embora, em virtude do meu próprio percurso na PUC-Rio e fora dela, eu tivesse a possibilidade de conviver com muitos dos alunos que possuem o perfil buscado pela pesquisa, optei por trabalhar com uma amostra selecionada a partir de critérios estabelecidos em base à qualidade da vida acadêmica dos entrevistados,

correndo o risco de encontrar nela menos de 50% de estudantes negros. Esta amostra é, portanto, **não-aleatória em termos de rendimento acadêmico**, porém **aleatória do ponto de vista racial**. Esta escolha da pesquisa se deu por considerar que as discussões desenvolvidas neste trabalho requerem a seleção minuciosa de um conjunto de bolsistas de elevado rendimento acadêmica, para que não reste dúvida quanto à qualidade da sua formação profissional.

Desta maneira, os critérios para a seleção da amostra têm no Coeficiente de Rendimento Acumulado, obtido pelo estudante ao longo da sua formação, o seu instrumento principal. É importante saber que o CR é o principal instrumento de avaliação do desempenho escolar de qualquer estudante da universidade a cada período letivo. O CRA corresponde à média ponderada das notas obtidas pelo aluno nas disciplinas cursadas durante a sua permanência na universidade, tendo o número de créditos cursados como fator de ponderação. No âmbito da academia o CR é utilizado para determinar posições, atribuições e oportunidades abertas aos estudantes, tais como: renovação da matrícula para obtenção de vagas em disciplinas/turmas; escolha da opção pela habilitação; autorização para mudanças de curso; conquista de monitorias; concessão e/ou manutenção de bolsas de desempenho acadêmico, de iniciação científica e/ou participação em pesquisas junto aos órgãos interdisciplinares da universidade, ou ligados aos projetos de professores, além das indicações para os estágios. Assim, quanto maior for o CR do aluno, melhor situado ele estará na vida acadêmica, cuja estrutura é bastante competitiva. Por tudo isso, a importância intrínseca —além de simbólica— do CR está no reconhecimento e na valorização do estudante como um indivíduo capaz de exercer funções e de ocupar determinadas posições na academia e fora dela.

Por todas estas razões, a importância atribuída ao CR neste trabalho, como indicador principal da qualidade da vida acadêmica dos bolsistas, está ligada ao reconhecimento da existência de estruturas de distinção e prestígio no espaço acadêmico. Vale lembrar, no entanto, que estas estruturas são também ideológicas e que elas se sustentam também em relações de poder e redes de solidariedade, às quais os indivíduos das populações pobre e/ou negra muitas vezes não tem acesso. Ainda assim, em última instância, o CR é o instrumento através do qual se pode determinar

“objetivamente” quem são os estudantes que possuem maior “mérito acadêmico”, ou seja, ele permite discutir os aspectos pertinentes aos capitais “culturais” e sociais” adquiridos pelo bolsista na sua passagem pela universidade e que, supostamente, ele estaria levando para a vida profissional.

Desta maneira, na **Tabela I** (Ver em “Anexos”, p. 231) inclui três colunas (E; F, e G) que permitem a comparação curso a curso, ano a ano, do CR médio de um determinado curso com os CRs médios de todos os seus estudantes ingressados naquele ano e, especificamente, com os CRs médios dos seus bolsistas formados. As três colunas seguintes (H; I, e J) apresentam uma distribuição destes bolsistas em três categorias de “qualidade” da vida acadêmica: “acima da média”, “na média” e “abaixo da média” do curso. Estas categorias foram definidas em função da comparação do CR médio dos bolsistas, em relação aos CRs médios do curso e da totalidade dos estudantes ingressados, com aproximação máxima de uma casa decimal para baixo ou para cima.

Realizado com o intuito de identificar bolsistas “acima da média” dos diversos cursos da PUC-Rio, os quais iria entrevistar, este material permitiu perceber que, ao contrário do que muitas vezes se supõe, o desempenho acadêmico dos bolsistas esteve “acima da média” dos Departamentos para 51,6% dos casos; “na média” para 40,6% e “abaixo da média” apenas para 7,8% dos bolsistas formados (Ver **Tabela I** em “Anexos”, p. 231). O CR médio geral destes bolsistas, quando comparado ao CR médio geral dos cursos é superior em 41 pontos decimais (7,76 e 7,35 respectivamente) embora, quando comparado ao CR médio geral dos estudantes ingressados, ele seja 11 pontos decimal mais baixo (7,87 e 7,76 respectivamente). Estes dados quantitativos permitem afirmar que até aqui, o impacto das ações afirmativas da PUC-Rio é muito mais relevante dos pontos de vista social e racial do que do ponto de vista estritamente acadêmico, posto que o desempenho acadêmico dos bolsistas como mostra as estatísticas, desmonta a hipótese de desqualificação dos programas acadêmicos. É igualmente verdade, que há ainda um conjunto de 14 outros Departamentos da PUC-Rio nos quais até 1999 os bolsistas não haviam conseguido ingressar, e outros dez Departamentos nos quais, embora eles estejam representados,

sua presença não chega a cinco por cento do conjunto geral dos estudantes, ou seja, há muito ainda para ser conquistado (Ver **Tabela II** em “Anexos”, p. 233).

Demograficamente falando, os 347 bolsistas correspondem à apenas 4,52% dos 7.675 estudantes ingressados nos 17 Departamentos da PUC-Rio no período. Em termos de gênero, há um desequilíbrio importante na população de bolsistas sobre o qual caberia refletir, contando-se sete mulheres para cada três homens (Ver **Tabela I** em “Anexos”, p. 231). O ingresso dessa “nova” população na PUC-Rio, indiscutivelmente portadora de capitais “social” e “cultural” menos poderosos neste ambiente, embora não tenha representado uma menor qualidade de ensino, certamente obrigou esforços pessoais dos bolsistas muito maiores para preencher lacunas e vencer obstáculos. Quem sabe por aí se comessem as explicar as diferenças de gênero. Fica aqui colocada a discussão sobre “baixar a cabeça” como uma pista deixada por uma das profissionais entrevistadas.

Como dito anteriormente, imaginei selecionar uma amostra de indivíduos para as entrevistas composta aproximadamente de dez por cento da população estudada (39 indivíduos), com representações de bolsistas dos 17 Departamentos, bem como diversas categorias de “qualidade” de vida acadêmica. Minha idéia inicial era a de poder pensar a inclusão na esfera do trabalho à luz das diferenças de capital “cultural”, a partir da referência de “mérito acadêmico”. Esta “amostra imaginada” estava concebida com: 27 bolsistas “acima da média”, seis bolsistas “na média” e outros seis bolsistas “abaixo da média” (Ver **Tabela IV – Comparação dos perfis da população e das amostras** em “Anexos”, p. 235).

Os indivíduos entrevistados foram selecionados em base aos seus CRs, como critério de desempenho acadêmico e tomando-se em conta a sua distribuição pelos vários cursos da PUC-Rio. Minha preocupação inicial foi a de verificar estatisticamente a representatividade desta “amostra imaginada” em relação à população total dos bolsistas formados, em termos de representação nos cursos mais procurados da PUC-Rio, gênero e região de origem (Ver **Tabela IV – Comparação dos perfis da população e das amostras** em “Anexos”, p. 235).

O que observei é que esta amostra mantinha as proporções em termos de gênero e local de origem, com variações pontuais menores de dez por cento, ou seja, a

amostra era bastante representativa da população, demograficamente falando. No que se refere aos cursos mais procurados, no entanto, a amostra excedia em quase 25 pontos percentuais a representação dos bolsistas na população total, indicando uma concentração dos bolsistas “acima da média” nos cursos mais procurados da Universidade.

No entanto, os dados para contatos com os seus egressos, de que a PUC-Rio dispõe, não permitiram localizar boa parte destes indivíduos. Através de correspondências e contatos telefônicos obtive respostas efetivas apenas de um terço deles, sendo possível consolidar somente o que chamei de “amostra realizada”. Esta está composta por 14 bolsistas, representando dez cursos regulares da PUC-Rio, dos quais 12 pertenciam a “amostra imaginada” e dois outros foram posteriormente incluídos. Cabe esclarecer que a inclusão destes dois novos indivíduos foi possível pelo fato de que eles sejam oriundos das camadas populares e membros dos pré-vestibulares comunitários e populares em rede, porém, por haverem sido integrados aos quadros funcionais da universidade, passaram de bolsistas de ação social a funcionários da PUC-Rio não constando, por esta razão, da listagem inicial na qual baseie a primeira parte do trabalho.

Da mesma maneira que foi feito para a “amostra imaginada”, procurei verificar estatisticamente a representatividade da “amostra realizada” em relação à população total dos bolsistas formados (Ver **Tabela IV – Comparação dos perfis da população e das amostras** em “Anexos”, p. 235). Em termos de gênero as proporções variaram menos de dez por cento. Em termos da representação nos cursos mais procurados da PUC-Rio, a distribuição da “amostra realizada” se aproximou bastante mais da população total, variando menos de dez pontos percentuais em relação à esta. Em termos de desempenho acadêmico os indivíduos da “amostra realizada” compõem um conjunto que representa quase que fielmente a proporção de bolsistas classificados como “acima da média” e “na média” na população total, com uma variação de menos de um por cento em relação à esta. Finalmente, em termos da região urbana de origem, a representação da Baixada Fluminense se fez muito mais expressiva, excedendo em cerca de 25 pontos percentuais a sua representação na população total.

Estes aspectos me permitem afirmar que a “amostra realizada” se aproxima muito da realidade da população total dos bolsistas em termos de gênero, da sua representação nos cursos e de desempenho acadêmico dos bolsistas formados da PUC-Rio. Além disso, por concentrar um número maior de indivíduos provenientes da Baixada Fluminense, uma região urbana com 56,79% de população negra (Ver **Tabela IV** em “Anexos”, p. 235) é de se esperar que esta seja uma amostra “mais negra” que a média dos estudantes bolsistas da PUC-Rio, cuja proporção racial é de aproximadamente 46% de população negra. Esta hipótese se confirmou no momento das entrevistas, posto que dez dos 14 entrevistados se auto-identificaram como “negros”, como mostra a **Tabela IX – Resumo dos dados demográficos e *locus* dos entrevistados** em “Anexos”, p. 238.

4.3

Os *locus* de origem

Uma leitura das regiões urbanas de origem da população estudada revela que dos 347 alunos bolsistas formados, mais de três quartos (76,94%, excetuados os bairros do Centro e Zona Sul) residem em bairros ou municípios distantes do campus da PUC-Rio (Ver **Tabela V – Distribuição dos bolsistas por regiões urbanas de origem e por cursos** em “Anexos”, p. 236). Por força da própria política de ação social implementada pela Universidade, esta é certamente uma população pobre, como os Índices de Desenvolvimento Humano destas regiões confirmam. O que desejo argumentar aqui é que, além de serem regiões urbanas reconhecidamente pobres, estas são também regiões de origem de uma população que é majoritariamente negra (Ver **Tabela VI – Distribuição racial e IDHs dos municípios do Rio de Janeiro, Niterói e Baixada Fluminense** em “Anexos”, p. 237). Meu desejo é o de dar sustentação com evidências documentais para o argumento de que, ao conceber uma política de ação social para a inclusão dos indivíduos da população pobre ao ensino superior, a PUC-Rio acabou por desenvolver uma política de ação afirmativa também para a população negra.

É importante lembrar que o Índice de Desenvolvimento Humano² vem sendo usado desde 1993 pelo Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas, adotando três indicadores como critérios para a classificação das populações: IDH-E, de educação (alfabetização e taxa de matrícula); IDH-L, de longevidade (esperança de vida ao nascer), e IDH-R, de renda (PIB per capita). Este é um instrumento padronizado de medida comparativa da qualidade de vida das populações, cujos valores vão de **zero** (nenhum desenvolvimento humano) a **um** (desenvolvimento humano total). Valores de IDH menores ou iguais a 0,499 indicam um desenvolvimento humano “baixo”; entre 0,500 e 0,799 “médio”, e maiores ou iguais a 0,800 são indicativos de populações com desenvolvimento humano considerado “alto”.

Para a avaliação do indicador de **educação**, o cálculo do IDH-E municipal considera dois elementos com pesos diferentes. A taxa de alfabetização das pessoas acima de 15 anos de idade —com peso dois— e a taxa bruta de matriculados —com peso um. Os indivíduos maiores de 15 anos, capazes de ler e escrever um bilhete simples, são considerados como adultos alfabetizados. A taxa bruta de matrícula é o resultado do somatório dos indivíduos entre sete e 22 anos de idade, que freqüentam os Ensinos Fundamental, Médio ou Superior. Estão também incluídos nesta conta, indiscriminadamente, estudantes de cursos supletivos, de classes de aceleração e de pós-graduação. Apenas as classes especiais de alfabetização são descartadas para efeito deste cálculo.

Para a avaliação do indicador de **renda**, IDH-R, o critério usado é a renda municipal per capita, ou seja, a renda média de cada residente no município. Para se chegar a esse valor, soma-se a renda de todos os residentes e divide-se o resultado pelo número de residentes, incluindo-se as crianças e as pessoas com renda igual a zero.

Como já foi visto anteriormente, dos 347 bolsistas formados da PUC-Rio, 34% são oriundos da Baixada Fluminense (Ver **Tabela V – Distribuição dos bolsistas por regiões urbanas de origem e por cursos** em “Anexos”, p. 236). Esta é a segunda região mais populosa do Estado, com mais de três milhões de habitantes, só

² Os dados e explicações sobre o IDH discutidos nesta seção foram obtidos em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/IDH>, acessado em 24/05/2006.

sendo superada pela sua capital, Rio de Janeiro. A Baixada Fluminense está formada por 14 municípios, dentre os quais a PUC-Rio formou bolsistas de Belford Roxo, Duque de Caxias, Nilópolis, Nova Iguaçu, Queimados e São João de Meriti. No seu conjunto a região tem IDH de 0,703 e IDH-R de 0,632 e IDH-E de 0,817. Em resumo, esta seria uma região de população, cuja qualidade de vida é considerada “média”, porém com um patamar educacional considerado “alto”.

É importante observar que o fato de que uma parte considerável da população possa ler ou escrever um bilhete simples, ou que os menores de 22 anos estejam matriculados em alguma instituição educacional —provavelmente de Ensino Fundamental ou Médio, dado o número reduzido de Instituições de Ensino Superior na região—, um IDH-E “alto” não significa que a oferta de oportunidades de educação ali presentes possa ser considerada “alta”, pelo menos não em termos da sua qualidade acadêmica ou nível educacional mais alto atingido. Por outro lado, quando estes indicadores são pensados de outra maneira, eles permitem assumir que, posto que do ponto de vista da renda a região qualifique como “mediana”, o fato dela possuir um IDH-E “alto” sugere a existência de uma forte “demanda reprimida” por ofertas de oportunidades educacionais e de trabalho que ajudem a superar uma realidade econômica não-condizente com a escolaridade dos seus membros. Em outras palavras, para a população da Baixada Fluminense o “alto” IDH-E não está se convertendo em renda, sugerindo que a inserção destes indivíduos na esfera de trabalho está se dando através de posições subalternas e, conseqüentemente, de baixa remuneração. Se considerarmos a questão da distribuição racial na região, composta por 56,79% de população negra (Ver **Tabela VI – Distribuição racial e IDHs dos municípios do Rio de Janeiro, Niterói e Baixada Fluminense** em “Anexos”, p. 237), a relação entre pobreza e “raça” começa a apresentar alguma concretude.

Na população de bolsistas da PUC-Rio outros 20.17% são provenientes da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro³ (Ver **Tabela V – Distribuição dos bolsistas por regiões urbanas de origem e por cursos** em “Anexos”, p. 236). Oriundos dos

³ Os dados concernentes aos bairros da cidade do Rio de Janeiro inseridos neste trabalho, tais como: IDH, população, renda, e outros estão disponíveis no site: <http://www.rio.rj.gov.br/planoestrategico/> acessado em 28/06/2006.

bairros de Riachuelo, Maria da Graça, Méier, Pavuna, Vilar dos Teles, Pilares e Tijuca os bolsistas provenientes da Zona Norte vêm da segunda mais populosa região da cidade do Rio de Janeiro (IBGE, 2000). A Zona Norte tem um IDH de 0,810, no qual o valor do IDH-R é 0,739 e o IDH-E é 0,929. Com um indicador de educação extremamente “alto”, comparado com um indicador de renda “mediano”, a relação entre escolaridade e renda na Zona Norte parece repetir o padrão observado na Baixada Fluminense.

Os bolsistas provenientes da Zona Oeste da cidade correspondem à 18,15% da população total de bolsistas formados da PUC-Rio (Ver **Tabela V – Distribuição dos bolsistas por regiões urbanas de origem e por cursos** em “Anexos”, p. 236). As três regiões que compõe a Zona Oeste: Bangu, Barra da Tijuca e Campo Grande, têm como característica comparável o seu baixo adensamento populacional. Bangu apresenta um IDH de 0,805, com IDH-R de 0,736 e IDH-E de 0,930. A Barra da Tijuca possui um IDH de 0,855, com IDH-R de 0,880 e IDH-E de 0,907. Campo Grande possui um IDH de 0,766, com IDH-R de 0,690 e IDH-E de 0,900. O que se observa aqui é que a Barra da Tijuca é bastante diferente das duas outras regiões que conformam a Zona Oeste, apresentando valores “altos” para renda e escolaridade. Embora ela certamente apresente “bolsões de pobreza” internos como, por exemplo, a Cidade de Deus, a região da Barra da Tijuca pode ser considerada uma área urbana de “alta” qualidade de vida. Nas outras duas regiões da Zona Oeste, o que se observa é um patamar de renda “médio” para ofertas de educação “altas”, ou seja, situações comparáveis às da Baixada Fluminense e da Zona Norte.

Ainda da cidade do Rio de Janeiro, a população dos bolsistas formados da PUC-Rio possui 18,44% de indivíduos provenientes da Zona Sul e 4,61% do Centro da cidade (Ver **Tabela V** em “Anexos”, p. 236). A Zona Sul apresenta um IDH de 0,929, com um IDH-R de 0,957 e um IDH-E de 0,971. É importante lembrar que nos diversos bairros da Zona Sul, embora compostos majoritariamente por uma população de classe média e média alta, reside uma relevante quantidade de pessoas pobres, moradoras das favelas localizadas nestes bairros, tornando a situação da Zona Sul bastante comparável a da Barra da Tijuca.

Por outro lado, o Centro da cidade possui um IDH de 0,829, com IDH-R de 0,786 e IDH-E de 0,918, uma situação comparável com a da Baixada Fluminense, Zona Norte e algumas regiões da Zona Oeste da cidade, *lôcus* de origem da imensa maioria dos bolsistas da PUC-Rio (76,94%). Vale lembrar que, em termos raciais, não se dispõe de estudos de distribuição racial nos bairros ou regiões da cidade do Rio de Janeiro, sendo que o valor percentual de 40,23% de população negra para todo o município não leva em consideração as concentrações raciais em determinadas regiões da cidade, invisibilizando a questão racial (Ver **Tabela VI** em “Anexos”, p. 237).

O que este estudo sobre os *lôcus* de origem dos bolsistas formados da PUC-Rio busca ilustrar é que, nem as distâncias geográficas, nem as lacunas educacionais, nem as desigualdades econômicas, nem as diferenças sociais ou raciais foram, ou têm sido, excusas ou empecilhos para os estudantes bolsistas da PUC-Rio na sua busca, através da Universidade, dos capitais “cultural” e “social”, que permitam a superação de uma realidade perversa de desigualdade social e racial, por mais que as estatísticas e os indicadores mascarem realidades ou invisibilizem populações.

4.4

Os *lôcus* na PUC

Ao me aproximar, ainda que de forma oblíqua, dos *lôcus* de origem dos bolsistas formados da PUC-Rio fez-se mais claras as distâncias sociais, culturais e raciais que existiam entre estes estudantes e a própria Universidade no momento do seu ingresso. Discutir os *lôcus* deles na PUC-Rio me fará possível considerar os capitais “cultural” e “social” que estes estariam levando na bagagem, quando nela se formaram, como elemento de análise.

Quanto a isso, o dado mais interessante é o da distribuição dos bolsistas na hierarquia dos cursos “mais procurados” da PUC-Rio (Ver **Tabela III – Distribuição dos bolsistas por ordem decrescente da relação candidato/vaga por curso** em “Anexos”, p. 234). Inicialmente, o fato que mais me chamou a atenção é a presença de cerca de 25% dos bolsistas nos cursos “mais procurados” da Universidade, ou seja, de maior prestígio, ao contrário do que as lacunas acadêmicas e de “capital cultural” poderiam fazer supor. É bom lembrar que estou considerando como cursos “mais

procurados” aqueles cuja relação candidato/vaga seja maior ou igual a três. Estudar em um dos prestigiosos cursos da PUC-Rio, tais como Direito, Comunicação Social ou Economia e Administração é um privilégio almejado pelos próprios membros das elites sociais e econômicas da cidade, posto que a partir destes *lôcus* boas oportunidades na esfera do trabalho se potencializam. É deste tipo de *lôcus* que se enunciam os indivíduos que contam com mais do que uma formação acadêmica de excelência no momento de ingresso na esfera do trabalho, mas também, e talvez principalmente, com poderosos capitais “cultural” e “social”.

Por outro lado, no *habitus* cultural da sociedade brasileira algumas profissões, especialmente aquelas ligadas às áreas das Ciências Humanas e Sociais, ou mesmo das ditas “Ciências Sociais Aplicadas”, são pouco valorizadas e, o que é mais grave, muito pior remunerada. Daí decorre, muitas vezes, que estas sejam carreiras “pouco procuradas” na hora da escolha profissional. Este aspecto é bastante relevante para este trabalho, pois é sabido que ser formado na PUC-Rio em Direito, Comunicação Social ou Economia e Administração é diferente de ser formado pela mesma universidade em, digamos, Serviço Social, Sociologia, História, Geografia ou Pedagogia, áreas disciplinares da Universidade que recebem quase três quartos dos bolsistas. E isso vale para os indivíduos das populações negra e não-negras.

Aqui é importante lembrar que há também algumas estratégias utilizadas pelos estudantes provenientes das camadas populares que, por reconhecerem suas lacunas acadêmicas no momento do ingresso, optam inicialmente pelos cursos “menos procurados”, contando com a possibilidade de uma futura transferência interna para os cursos mais prestigiados, a partir de um bom desempenho acadêmico ao longo da sua formação, naturalmente a ser confirmado. Porém, é igualmente importante lembrar que as escolhas de cada indivíduo, e dentre elas a escolha profissional, têm a ver com os universos familiar, educacional e comunitário deste, ou seja, com a sua socialização. Decorre daí que a escolha profissional não seja exclusivamente determinada pela perspectiva de uma inserção “prestigiosa” e bem remunerada no mercado.

Entendo que as prioridades dos indivíduos provenientes das comunidades pobres estão principalmente ligadas a melhoria da qualidade de vida dos seus

familiares e da sua comunidade. É verdade que isto implica em escolhas profissionais cujas remunerações sejam convincentes, mas é igualmente verdade que muitas vezes o que se busca principalmente é uma formação que forneça instrumentos para enfrentar as desigualdades sociais vividas e vivenciadas no cotidiano do seu *lôcus* de origem. Isto é particularmente verdadeiro para aqueles indivíduos que estão comprometidos com as lutas dos movimentos sociais contemporâneos. Não surpreende, portanto, que tantos intelectuais negros estejam optando por carreiras nas áreas das Ciências Sociais da PUC-Rio. Este argumento é importante porque implica em rever concepções preconceituosas sobre certas profissões e posições ocupadas por determinados segmentos sociais. Isto implica também na necessidade de que a universidade seja mais sensível às demandas acadêmicas dos representantes dos movimentos sociais que começam a fazer parte do seu corpo discente.